

UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO

Maria Jackeline Rocha Bessa (UERN/CAMEAM/Bolsista PIBIC)

Maria Dayane de Oliveira (UERN/CAMEAM)

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN/CAMEAM/DL)

RESUMO

No momento em que a criança inicia o processo de aquisição da escrita é bem provável que ela escreva como fala, ou que apresente influências da fala na escrita. Partindo desse pressuposto, neste trabalho, objetivamos investigar a influência da oralidade no processo de aquisição da escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Para isso, tomamos como referencial teórico autores que trazem discussões pertinentes sobre o assunto, como: Capistrano (2007) e Marcuschi (2008, 2010). O *corpus* do trabalho é constituído por um total de 06 (seis) textos de alunos da 6º ano, de uma escola pública da cidade de Pau dos Ferros-RN. A partir da análise desses textos, procuramos verificar a ocorrência de marcas de oralidade na escrita desses alunos. De acordo com os resultados, as crianças mostram que selecionam ideias e que conseguem transmitir uma mensagem, embora não consigam estabelecer um modelo de texto escrito e discorrer sobre determinado tema com fluência e domínio da escrita, sem precisar recorrer frequentemente ao banco de dados de sua linguagem oral usual. Esses resultados vêm confirmar o que os autores citados discutem sobre as marcas da oralidade, que a criança na fase de aquisição da escrita ele tende a escrever como fala.

Palavras-chave: Marcas de oralidade. Aquisição da escrita. Ensino fundamental.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As investigações sobre as marcas de oralidade, desde a década de 80, passaram a ganhar mais notoriedade, já que antes o que predominava era a escrita, enquanto a fala era tida como esquecida, deixada de lado. Foi assim desde os estudos estruturalistas de Saussure. Atualmente, a fala passou a ser objeto de estudo e concebe-se a relação de interação entre fala e escrita dentro do sistema linguístico.

Esses estudos ganham mais força quando se passa a ver nos escritos de alunos como a fala influencia a escrita. Pensando assim, estudiosos como Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) afirmam que o texto que a criança tem em mente no processo de aquisição da escrita é o texto oral, ou seja, falado. Nesse sentido, podemos entender a escrita como sendo uma extensão da fala, o indivíduo escreve da forma como fala. Já outro estudioso que também se dedica ao estudo do processo de aquisição da escrita é Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007). Segundo ele, a criança não escreve como

fala e seria ingênuo pensar assim, pois, no momento que a criança escreve, ela o faz de forma espontânea.

Levando em consideração as visões desses dois autores, e mais outros que tomamos como referência para esse trabalho, objetivamos entender o processo de aquisição da escrita de alunos do 6º ano, e investigar sobre a influência da oralidade nos textos escritos desses alunos. O trabalho foi feito a partir de análises de seis textos de alunos do 6º ano, de uma escola pública da cidade de Pau dos Ferros-RN. Para isso, tomamos como referencial teórico os estudos de Capistrano (2007) e Marcuschi (2008, 2010). Os referidos autores vem trazer visões diferentes sobre a aquisição da escrita e de como a oralidade pode influenciar esse processo.

Apresentaremos, a seguir, o Referencial Teórico, em que trataremos da influência da oralidade na aquisição da escrita, de acordo com o que propõem os autores citados acima. No segundo momento, apresentaremos a Análise dos Dados em que procuraremos verificar as marcas da oralidade nos textos escritos. E em seguida, nas Considerações Finais, retomaremos os resultados obtidos a partir da análise e discutiremos perspectivas de aplicação para o estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Oralidade e escrita enquanto objeto de estudo

Os estudos da linguagem, a partir dos anos 80, segundo Marcuschi (2010), passaram por uma mudança em relação às três décadas anteriores que viam a escrita e a oralidade como opostas, sendo a escrita predominante. Tanto que os estudos estruturalistas de Saussure, por exemplo, voltavam-se apenas para a análise do sistema da língua e a fala não poderia ser objeto de análise. Nessa tendência “oficial”, conforme o autor, privilegiava-se o código como objeto de análise e a língua era concebida apenas como sistema de regras estruturado.

Atualmente, o que predomina nos estudos sobre a linguagem é que se pode conceber uma relação interativa e complementar entre essas duas modalidades do sistema linguístico, e a língua, por sua vez, é considerada a partir de suas condições de *produção e recepção*, o que provocou uma guinada nos estudos linguísticos.

Antes, privilegiava-se o código como sendo o principal objeto de análise e via-se a língua como sendo um sistema de regras estruturado, como determinado por Saussure, o que não proporcionava questionamentos sobre outros tantos aspectos, como, por

exemplo, a relação entre língua falada e língua escrita, e com isso, não se indagava sobre os usos sociais da língua. Por estar centrado nos estudos estruturalistas de Saussure em que a língua era tida como código, não se concebia a relação entre variação e produção de sentidos, fosse nas formas linguísticas ou na significação. Quando Saussure decidiu priorizar o estudo da língua como um sistema fechado, ele abriu mão de estudar a fala, enquanto sistema aberto.

Ainda seguindo esse raciocínio, Marcuschi (2010, p. 17, grifos do autor) traz uma discussão relevante para os estudos sobre fala e escrita quando escreve que:

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala.

A discussão que o autor traz se torna muito pertinente, pois, no momento da escrita, não se pode reproduzir alguns fenômenos que são próprios da fala como, por exemplo, movimentos do corpo e dos olhos, gestualidades, entre vários outros movimentos. Já a escrita apresenta características próprias e que são ausentes na fala, como, tamanho e tipos de letras, cores, formatos e tantos outros.

Sendo assim, oralidade e escrita são práticas e usos da língua e cada uma tem características próprias, mas não o suficiente para caracterizar dois sistemas linguísticos diferentes, nem uma dicotomia. É essa discussão que o próximo tópico vai tratar, a partir da visão de outros autores.

2.2 A segmentação da escrita como influência da fala

Entender a escrita de uma criança que está em processo de aquisição é um desafio. Por isso, procuraremos mostrar as diferentes visões sobre segmentação da escrita trazidas por Capistrano (2007). Esses autores discutem sobre as marcas de oralidade presentes na escrita de crianças em processo de aquisição.

Com isso, começaremos por mostrar a visão de Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) que vem dizer que, quando a criança está no processo de

aquisição da escrita, o modelo de texto que ela tem é o de texto oral, ou seja, a criança escreve da maneira como fala, o que é visto pela autora como interferência. Um exemplo dessa interferência pode ser quando a criança fala “amelhor” ao invés de “melhor” ou “convocê” ao invés de “com você”, como mostra o texto de Capistrano (2007). Nesses exemplos, podemos observar como as marcas de oralidade estão presentes na escrita de crianças nesse processo de aquisição.

Quanto aos erros ortográficos, Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007)) aponta que, para as crianças em fase de aquisição, eles não seriam insuperáveis ou difíceis de corrigir, seriam, na verdade, um processo de aprendizagem pelo qual a criança passa. O autor coloca que “a criança não procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja a escrita” Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007, p. 10). Ou seja, quando a criança escreve, ela imagina que o certo seria escrever da mesma forma que fala, e o som que sai da fala é representado pela criança na escrita. Nesse processo de aquisição da escrita, a criança não consegue entender que não se pode escrever como se fala e, por isso, às vezes, a criança fala “fui ao banheiro” e, como na fala, as três palavras são pronunciadas juntas, a criança escreve tudo junto também, como no exemplo: “fuiabanhairo”.

O autor ainda coloca que “Os problemas de segmentação da escrita são dispostos em dois subgrupos: juntura intervocabular e segmentação indevida” Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007, p.10). No primeiro subgrupo, o autor refere-se ao fato da fala ser separada somente pela entonação, o que faz o falante juntar todas as palavras. Um exemplo seria “eusoucrente” (eu sou crente). Já o segundo subgrupo trata dos casos não convencionais em que a criança separa a sua escrita devido à acentuação gráfica, o que torna a escrita incorreta do ponto de vista ortográfico, como no exemplo a seguir: “a migo” (amigo) ou “em bora” (embora). Desse modo, a segmentação escrita não convencional associa-se à relação indevida, porém, necessária, que a criança estabelece entre a fala e a escrita. Nesse sentido, Capistrano (2007, p. 11) afirma que [...] “as crianças imaginam que a escrita seja, inicialmente, uma representação da fala”. No momento em que acontecem essas segmentações não convencionais, a criança estaria tentando representar os aspectos da fala.

Dessa forma, poderia se levantar hipóteses de que a segmentação é resultado do que a criança imagina ser a escrita. Ainda de acordo com a autora, as crianças sabem diferenciar a escrita da fala ao entrarem na escola, pois, na escrita de um aluno, pode se perceber estruturas que são típicas da escrita. Ou seja, o aluno não somente escreve

pensando na fala, ele tem um jeito próprio de escrever que faz diferenciá-lo da fala/oralidade.

Ainda com relação à segmentação da escrita, Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007, p.13) traz três pontos pertinentes com relação à segmentação da escrita. O primeiro é “[...] a afirmação de que seria ingênuo supor que as crianças escrevem como falam”, pois quando se escreve, ninguém se programa para escrever como fala, ou seja, a criança, no momento de escrever, não pensa na escrita como reflexo da fala, ela simplesmente escreve o que vem no pensamento. Nesse sentido, a visão de Capistrano (2007) sobre o assunto parece ser mais aceitável, quando defende que a criança deve compreender essa diferença entre escrita e fala e que nem sempre todas as palavras podem ser escritas da maneira como são faladas.

O segundo ponto colocado por Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007), e que nos parece bem pertinente, é quando o autor defende que um maior ou menor contato da criança em atividades convencionais de escrita em meio ao contexto em que ela está inserida faria com que essa criança ficasse mais ou menos atenta aos aspectos convencionais da escrita. Em outras palavras, seria, por exemplo, uma criança que está em contato direto com a escrita poderia demonstrar um melhor desempenho na hora de escrever, pois o meio em que ela está inserida, segundo o autor, influencia no seu desempenho. Já uma criança que não está inserida em um contexto onde a escrita está sempre em uso tende também a não desenvolver-se na escrita. O que pode ser aceito, pois se aprende onde se vive, ou seja, onde o indivíduo, no caso, a criança, está inserido. Dessa forma, pode-se entender que a criança passa a aprender o que está ao seu alcance no dia a dia.

No terceiro ponto, o autor afirma que a escrita espontânea de uma criança, distante do modelo escolar, pode ser mais propícia a um possível aparecimento de segmentação escrita não convencional. Sendo assim, uma criança que escreve de forma espontânea, ou seja, quando é dela a responsabilidade do que vai escrever, sem que tenha recebido orientação, indicação de tema pelo professor, por exemplo, está mais propensa a apresentar segmentações não convencionais, diferentemente dos textos em que a criança representa ou busca representar um modelo de texto ensinado pela escola, que seriam mais propícios à segmentação convencional esperada.

Outro autor que traz uma importante discussão sobre marcas de oralidade na escrita é Corrêa (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007 p. 30). Nesse sentido, o autor coloca que “[...] embora seja necessário reconhecer metodologicamente a diferença entre oral e

o escrito, esse reconhecimento não deveria implicar a postulação de uma oposição radical entre o oral/falado e o letrado/escrito”. Em seus estudos, ele afirma que não se deve colocar em oposição o escrito e o falado, não de forma tão radical como postulam alguns autores como Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007) que afirma que seria ingênuo acreditar que as crianças escrevem como falam. Este autor, como já falado, não acredita no processo de aquisição da escrita em que a criança escreve da maneira como fala, para ele, isso seria ingenuidade.

A análise dos dados, a seguir, vai mostrar de que forma as marcas de oralidade estão presentes ou podem influenciar na escrita de alunos em processo de aquisição.

3 ANÁLISE DOS DADOS

TEXTO I

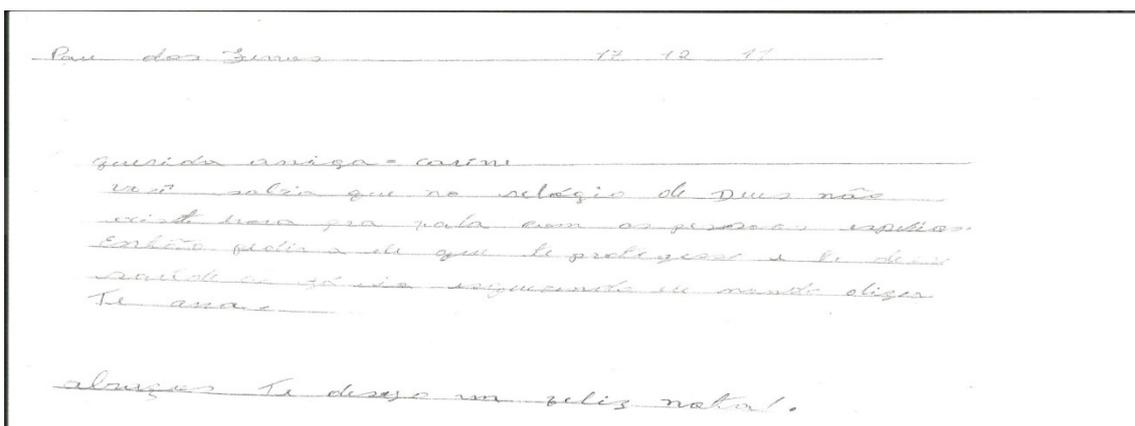
Neste texto que mostraremos a seguir, o aluno apresenta ter ainda dificuldades de escrita, pois, em vários momentos, ele se perde na escrita e joga as frases soltas, sem sentido. Outro fato que ocorre, e que podemos observar, são as marcas de oralidade presentes na escrita do aluno. Ele escreve da forma que fala como mostra o texto, “se abegue a Deus que ele e muito legal mesmo então beijos e...”. Também podemos observar como a oralidade está presente na escrita do aluno quando ele escreve “ele é muito legal mesmo então beijos e...”. Na escrita deste aluno, fica evidente que ele escreve da forma como fala. Nesse sentido, Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) vem dizer que isso ocorre porque, no processo de aquisição da escrita, o modelo de texto que a criança tem é de texto oral. Vejamos o texto:

Pai dos F. e...
 Oi, Maria
 A professora me mostrou a carta que você me escreveu
 achei muito legal e muito o que você mandou pra mim
 vai chegar.
 Tudo de bom pra você, boa sorte nas provas que vão ficar
 pra nós todos e que seu pai tem muito orgulho de
 você e se abegue muito com "Deus" que ele é muito
 legal mesmo então Beijos
 e
 Boa
 sorte
 no
 seu
 futuro
 Seu
 Maria
 d
 carne
 !
 !
 !

TEXTO II

Como podemos observar no texto a seguir, a aluna apresenta ter um domínio de escrita. O texto apresenta continuidade de ideias, tanto que conseguimos identificar no texto escrito pela aluna o emprego de um elemento cognitivo “então”, ligando dois termos do texto.

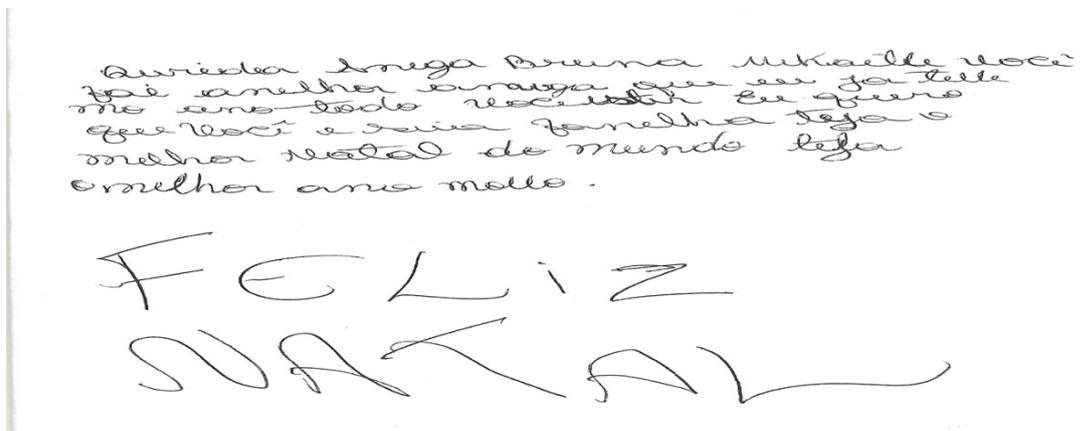
Mas o fato que chama atenção, e que é ponto para nossa análise, são as marcas de oralidade presentes no texto escrito pela aluna. Ela escreve “ah, já ia esquecendo, ele mandou dizer te amo”. Como podemos observar, a aluna escreve da forma que normalmente se fala. Como foi dito anteriormente, ela escreve apresentando continuidade de ideias, usando conectivos para ligar um termo ao outro e, de repente, ela para e escreve “ah, já ia esquecendo, ele mandou dizer te amo”, o que mostra ser uma marca visível de oralidade. Como podemos ver no próximo texto:



TEXTO III

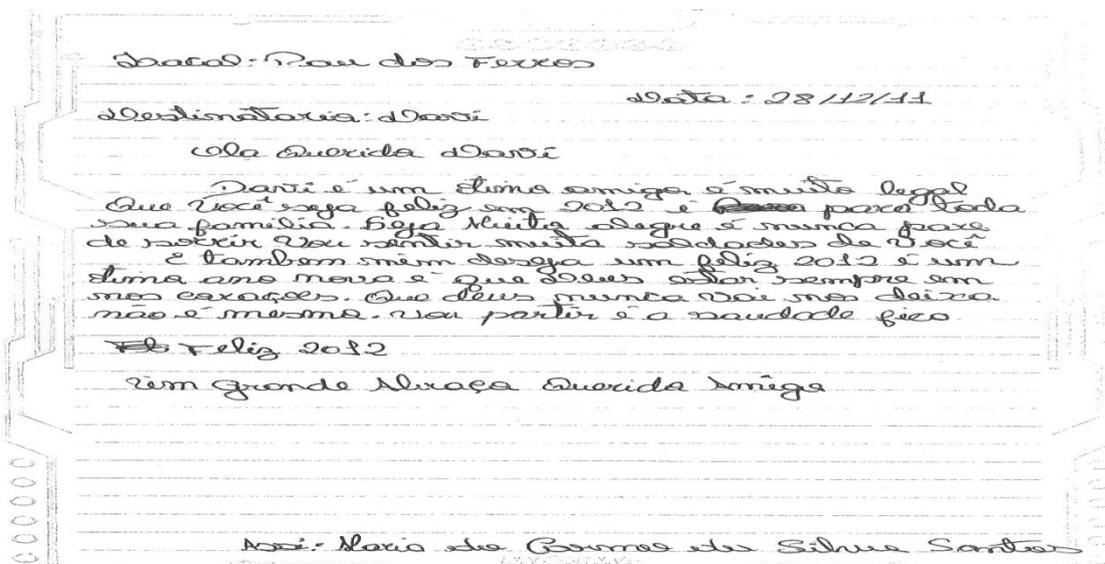
Podemos identificar nesse texto que o autor não tem domínio da escrita, pois as ideias aparecem soltas, sem continuidade. Podemos identificar, ainda na segunda linha do texto, que ele (a) escreve da mesma forma que fala, quando escreve “amelhor” ao invés de “a melhor”, mostrando, assim, marcas de oralidade que Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) afirma ser uma interferência da fala na escrita. A autora, nesse sentido, ainda coloca que, na aquisição da escrita, o texto que prevalece é o texto oral. Pensando assim, pode-se entender a escrita desse aluno como tendo uma interferência da fala, pois, muitas vezes, falamos tão rápido que o artigo é pronunciado junto com a palavra e isso pode ser transferido para a escrita. Se levarmos em conta que se trata de uma criança em processo de aquisição da escrita, isso se torna mais fácil ainda de

acontecer, como no exemplo mostrado. Cabe ainda observar que da linha quatro para a linha cinco, o aluno escreve trocando apenas o artigo “a” pelo “o”, escrevendo, assim, a expressão “o melhor” de forma correta, ou seja, com as duas palavras separadas. Observemos o texto escrito pelo aluno:



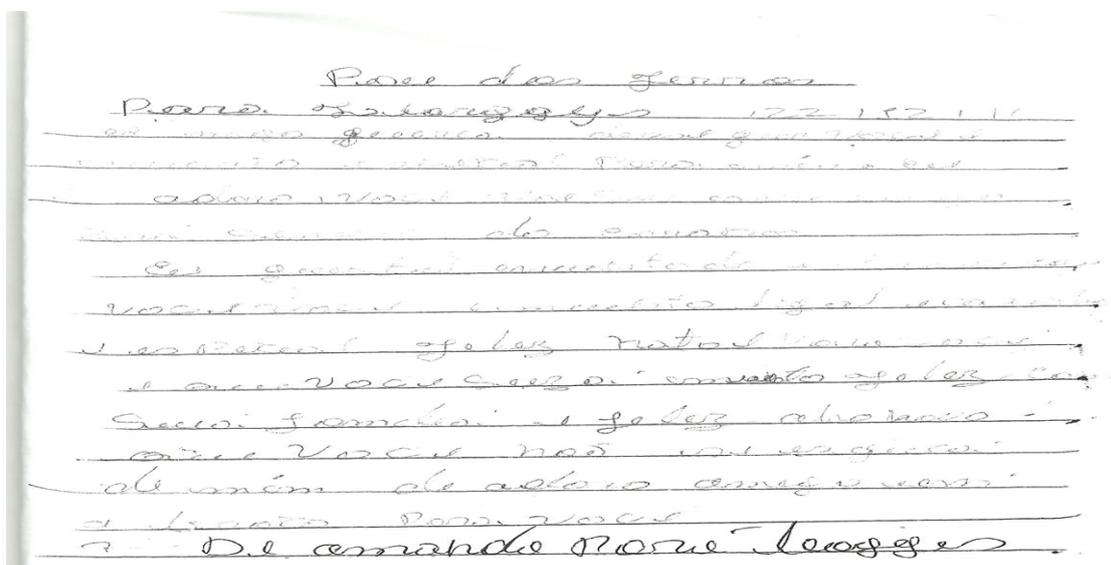
TEXTO IV

O que podemos observar nesse texto é que a aluna consegue expor sua ideia ao escrever, que é a de desejar um feliz natal e falar sobre a amizade que existe entre ela e uma coleguinha. No entanto, o que chama atenção é a forma como as marcas de oralidade estão empregadas no texto dessa aluna. Primeiro, ela escreve “temandei” junto, ao invés de escrever “te mandei”, mostrando, assim, uma escrita que lembra a fala. Seguindo a leitura do texto, na quinta linha, a aluna mostra outra marca de oralidade quando escreve “há talvez eu possa te dar um presente...”. Podemos observar que são formas diferentes de oralidade, na primeira, ela escreve duas palavras juntas, o que poderia ser qualquer outra, como, por exemplo, “aloja”, “ocarro” e etc, já na segunda, a aluna mostra uma marca típica da fala quando apresenta uma linguagem que não é formal, quando usa uma expressão típica da fala “há talvez eu possa te dar um presente...”. Esses dois exemplos estão no texto que iremos mostrar a seguir:



TEXTO VI

Alisando o texto escrito por esse aluno, pode-se observar como ele tem dificuldade de escrita. No entanto, o que mais nos chamou atenção foi o fato dele escrever separada a palavra “amigo”, na escrita do aluno, ela é escrita “a migo”. Esse fenômeno é colocado por Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007) como sendo relacionado aos casos não convencionais em que a criança separa sua escrita devido à acentuação gráfica. Durante o texto, podemos observar que o aluno escreve, em certos momentos, a palavra “amigo” junta, o que pode nos levar a pensar que o aluno foi desatento ao escrever a palavra separada. O texto vai mostrar que nas linhas três e onze o aluno escreve a palavra “amigo” corretamente.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos textos elaborados por crianças do 6º ano vêm confirmar nossas hipóteses, fundamentadas nos autores apresentados no referencial teórico, de que a criança escreve da forma como fala.

Os dados analisados apontam a presença de marcas da oralidade na escrita dos alunos. Podemos observar, de acordo com Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007), que essas marcas de oralidade vêm afirmar que a criança, em processo de aquisição da escrita, tem como modelo de texto o texto oral, ou seja, a criança escreve como fala, e é exatamente este ponto que se sobressai em nossas análises.

Os textos analisados trazem marcas de oralidade que poderiam ser escritas por qualquer criança e, às vezes, apresentam até mesmo marcas de oralidade de um discurso pessoal, ou seja dele, pode ser que a criança escreva “amelhor” para “a melhor”, como ela escreveria “amais” para “a mais”, ou como colocaria em seu texto expressões geralmente usadas numa linguagem coloquial como, por exemplo, a aluna do texto V que escreve “que Deus nunca vai nos deixar não é mesmo...”. O emprego destas marcas pode ser atribuído às interferências da linguagem oral na linguagem escrita.

Nos textos analisados, as crianças mostram que selecionam ideias e que conseguem transmitir uma mensagem, o que elas não conseguem é estabelecer um modelo de texto escrito e segui-lo, ou seja, discorrer sobre determinado tema com fluência e domínio da escrita, sem precisar recorrer frequentemente ao banco de dados de sua linguagem oral usual.

Os textos apresentam, também, erros ortográficos como, por exemplo, “se abegue” para “apegue-se”, “fanelha” para “família”, entre outros, que não deveriam repetir-se com tanta frequência e em unanimidade entre alunos que se encontram no 6º ano, mas que, segundo Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007), não são erros irreparáveis ou difíceis de corrigir, seria um processo de aprendizagem pelo qual a criança passa. Além disso, a autora coloca ainda que a criança acredita que deve representar na escrita o modo como fala, que o certo é escrever de acordo com o som que sai da fala, este, por sua vez, é então materializado na escrita, porque a criança em processo de aquisição não consegue entender que não se deve escrever como se fala.

Os textos analisados, apesar de apresentarem marcas da oralidade, apresentam também estrutura de textos escritos, ou seja, mesmo fazendo uso de marcas da oralidade, as crianças tinham plena consciência de que estavam produzindo na forma

escrita, o que fica claro pelas características típicas da linguagem escrita. Além disso, a criança tem o jeito próprio de escrever, que faz diferenciá-la da fala. Levando em consideração que todos os textos são cartas escritas aos colegas de classe, Capistrano (2007) vem defender que a criança deve compreender a diferença entre escrita e fala, e que nem todas as palavras são escritas da mesma forma como são faladas, o que nos parece acontecer nos textos que não estão completamente desestruturados, pelo contrário, apresentam uma estrutura que nos faz inferir que essas crianças têm sim consciência da diferença entre escrita e fala, tanto que elas não escrevem todas as palavras da maneira como falam, o que falta nos textos é a organização de ideias, e o emprego adequado de algumas palavras e/ou termos e/ou expressões que sofreram interferência da linguagem oral.

Como uma possível solução a estas interferências da linguagem oral na linguagem escrita, podemos colocar, apoiadas em Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007) que, se as crianças forem inseridas num contexto no qual elas tenham maior contato com atividades convencionais de escrita, elas provavelmente poderão apresentar um desenvolvimento em seu desempenho escrito, o que seria convencional, já que a criança é influenciada de acordo com o contexto no qual está imersa, e passa a absorver tudo aquilo que está ao seu alcance.

Os resultados trouxeram alguns apontamentos importantes com relação a aquisição da escrita. Vimos que os alunos escrevem realmente como falam e segundo os autores citados é normal isso acontecer nesse processo de aquisição da escrita. Nesse sentido seria pertinente aos professores trabalharem mais a escrita dos alunos e estarem mais atentos e não verem somente como erros, já que como os autores falam é normal o aluno escrever como fala. .

REFERÊNCIAS

CAPISTRANO, C. C. **Segmentação na escrita infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Texto e linguagem).

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. Ed. 10. São Paulo: Cortez, 2010.